



Projeto João de Barros: lar-boratório agroecológico na busca pela soberania alimentar

Project João de Barros: agro-ecological home laboratory in quest for food sovereignty

BALLONI, Kaitã Bergamasco¹; BERNARDO, Giulia Cristina Schroder ²; POUSADA, Guilherme Romeu³; ROLIM, Kaio Vinícius de Barros⁴.

¹ Acadêmicos do curso de Agroecologia do Instituto Federal de Brasília- Planaltina;
chacarajoaodebarros@gmail.com

² Acadêmica do curso de Pedagogia nas Instituições UFMS e UnB;
chacarajoaodebarros@gmail.com

³ Acadêmicos do curso de Agroecologia do Instituto Federal de Brasília- Planaltina;
chacarajoaodebarros@gmail.com

⁴ Acadêmicos do curso de Agroecologia do Instituto Federal de Brasília- Planaltina;
chacarajoaodebarros@gmail.com

Eixo temático: Juventudes e Agroecologia

Resumo: Este relato traz a experiência da transição de quatro jovens oriundos do meio urbano para o mundo rural, apresentando a criação do Projeto João de Barros: Lar-boratório Agroecológico - espaço de construção de conhecimento e práticas de produção com bases agroecológicas. Esse relato tratará de algumas práticas e metodologias desenvolvidas em um ano de trabalho, como auto-organização por gestão de mandalas, estabelecimento de ilhas de fertilidade para o plantio de um Sistema Agroflorestal e a criação de uma horta na época de seca. O objetivo deste estudo foi evidenciar os desafios e aprendizagens vividas por jovens agroecólogos, em pleno êxodo urbano.

Palavras-Chave: Agroecologia; Recuperação do solo; Êxodo urbano; Gestão por Mandalas.

Keywords: Agroecology; Soil recovery; Urban exodus; Management by Mandalas.

Contexto

O Projeto João de Barros nasce quando um autor do estudo, e também estudante do Curso de Tecnologia em Agroecologia ocupa uma propriedade da família, localizada em Planaltina-DF, com 7.800 m². A propriedade está inserida em uma das parcelas da chácara Santa Luzia, na terra que foi denominada João de Barros em homenagem a um antepassado da família. Já se desenvolvia ali uma agricultura de base familiar, fundamentada no pacote tecnológico oriundo da atual matriz agrícola brasileira, ou seja, por meio das técnicas de motomecanização, uso de agrotóxicos e de sementes modificadas geneticamente.

Todas essas práticas ocasionaram um grave processo de degradação da terra. O local se assemelhava a um deserto vermelho, onde toda a terra estava exposta e os pouquíssimos lugares de vegetação ainda existentes estavam secos pela ação de produtos químicos. Essas reminiscências, eram compostas por apenas alguns capins que não se incendiaram por se encontrarem isolados e espalhados pelo terreno, além de 5 árvores frutíferas, sendo que 3 destas estavam carbonizadas, devido ao histórico de queimadas recorrentes. Nasce então o sonho de transformar



a realidade da chácara, no sentido da materialização dos conhecimentos do campo teórico da agroecologia, e das experiências vivenciadas e visitadas em saídas de campo.

Objetivando criar um espaço de autogestão, com a aplicação de projetos de produção agrícola baseados em conhecimentos agroecológicos, o coletivo foi inicialmente constituído com a integração de dois estudantes do curso, residentes próximos à chácara, na Casa Urukum, onde já estava sendo desenvolvido um projeto de agroecologia urbana. Posteriormente, também se associou ao trabalho uma acadêmica de Pedagogia, cuja identificação com a agroecologia, a comprometeu com o processo de sistematização e organização institucional da Chácara.

O Projeto João de Barros focaliza a produção agrícola em bases agroecológicas, dentro da Chácara, cujo propósito é também aplicar projetos de formação humana, cultural, geopolítica e socioambiental. Portanto, nós escolhemos fazer o uso da primeira pessoa do plural para esta comunicação propositalmente, como uma provocação à pretensa e neutra distância do discurso científico e decidimos abrir uma janela para além da cientificidade, com a força que a conexão intuitiva da Natureza nos dá, pois foi ela quem nos pariu.

Pretendemos então partilhar nossos dilemas enquanto juventude em processo de êxodo do cimento à terra, a qual transforma nossas relações de espaço-tempo, reconstruindo a lógica do processo identitário. Para a criação, tanto de conhecimentos, como da soberania alimentar, nosso coletivo, a partir da Gestão por Mandalas, propõe-se a se integrar à terra para permitir uma contribuição significativa para a sociedade.

Descrição da Experiência

Gestão por Mandalas

Tendo em vista nossa ligação com alguns princípios da filosofia budista, que incluem uma percepção dos fluxos energéticos que perpassam os sujeitos num processo coletivo, inspiramo-nos na metodologia de organização por mandalas. De acordo com Lama Padma Samten "a mandala se sustenta por um sonho, pelo benefício que traz, por um fluxo econômico, pelo processo administrativo e um lung que vai tocar cada um, mas sem uma estrutura repressiva." O *lung* é, então, essa energia que flui através de cada um de nós, dando-nos condições de criar e sustentar núcleos de trabalho, em que a experiência dialógica é o cenário da tarefa (CENTRO DE ESTUDOS BUDISTAS BODISATVA, 2013).

Segundo Padma Samten, a gestão por mandalas nada mais é que uma organização não autoritária. Constitui o equilíbrio entre os extremos de um processo totalmente livre (possivelmente caótico) e um processo autoritário, que busca preservar a felicidade, iniciativa e abertura de pensamentos do coletivo. Portanto, na busca de uma relação interprofissional equilibrada, que não permite o completo caos ou o



excessivo controle centralizador, sentimos na chácara a energia que precisaria ser exercitada, para nosso lar-boratório agroecológico, e criamos então as seguintes mandalas do Projeto João de Barros: horta; sistema agroflorestal; roça; organização financeira; comercialização; sistematização, e a mandala possibilitadora deste relato, a do Congresso Brasileiro de Agroecologia.

Para otimizar os fluxos de informações sem sobrecarregar nenhum dos colaboradores, nasce o focalizador. Este tem a função de manter em dia todas as informações de sua mandala. Sempre lembrando que as mandalas funcionam de forma autogestionada, onde todas as decisões e os planejamentos são tomados de forma coletiva e as informações são sempre compartilhadas na Reunião Lunar. Essa reunião ocorre toda segunda-feira, com o objetivo do planejamento semanal, levando em consideração a fase vigente da lua. Outro momento importante é a Reunião Solar, que ocorre no início de cada semestre e leva em consideração as estações do ano para o planejamento do semestre.

Mandala Horta

Em agosto surgiu o convite para trabalhar, e começamos a pensar no espaço. Precisávamos nos alimentar de nosso trabalho, porém, não tínhamos experiência suficiente para decidirmos com autonomia. Aproveitamos, então, a disciplina de Olericultura, da Faculdade no IFB, para iniciarmos. Começamos com uma área de 340 m², para construir 16 canteiros de 1x10 metros e outros quatro canteiros ao entorno, protegendo a horta com plantas aromáticas, medicinais, temperos e outras ervas chá.

Era o auge da seca, precisávamos pensar em irrigação, pois as hortaliças são delicadas com esse clima. Pelas sincronicidades da Vida, estávamos também cursando a disciplina de Irrigação, o que nos proporcionou a realização de um projeto de irrigação por gotejamento. Em função da falta de recursos, reaproveitamos materiais em desuso, cedidos pelo agricultor da chácara vizinha, além do apoio da rede de professores e funcionários do IFB, que se esforçam em auxiliar os estudantes e a comunidade, muitas vezes quando a própria instituição passa pelas dificuldades do precário incentivo à pesquisa, ensino e comunicação.

Aprendida a lição de utilizar as disciplinas da faculdade, para dar sentido prático aos conhecimentos acessados, também demos vida ao projeto em outros campos como a administração, que nos empolgou a registrar nossas ações e entendê-las no tempo.

Mandala Roça

No começo do ano, recebemos a visita do Sr. Timbo, que veio nos oferecer uma parceria, fornecendo propágulos de pitaya para que posteriormente retornássemos mais propágulos para continuar o ciclo de abundância. Nasce então a roça de pitaya, que mescla culturas anuais, semi-perenes e perenes.



Uma área de 20mx20m (400 m²) foi roçada e em suas extremidades foram plantadas estacas de glirícidia, que servirão de apoio para linhas de maracujá. Em seu interior plantamos pitayas com espaçamentos de 3mx3m, e no interior de cada quadrante formado por 4 pitayas plantamos um pé de mamão. Para cada duas pitayas, foram construídos mourões, feitos com blocos ociosos de concreto, e como não é uma cultura exigente de água, foram colocadas garrafas de gotejo que umedecem os mourões e garantem a irrigação da planta.

Vale dizer aqui que para todas as áreas que necessitaram de materiais para se concretizar, procuramos primeiramente o reaproveitamento de materiais encontrados em lixões espalhados pela cidade de Planaltina- DF, e no Papa Entulho.

Mandala Sistema Agroflorestal

O Sistema Agroflorestal da Chácara João de Barros surgiu a partir de teorias e práticas oriundas da literatura da Ana Primavesi (2018) e dos aprendizes de Ernst Gotsch (2016). Então, nasce a ideia de realizar um SAF em duas etapas. A primeira com o foco em recuperar a fertilidade e estrutura do solo, já que este estava extremamente compactado e com resquícios de cultivo intenso em monocultura e uso de agrotóxicos. A segunda etapa, pretende estabelecer uma agrofloresta com alta diversidade, sem a necessidade de correção do solo ou uso de maquinário.

Na fase inicial de estabilização e fertilidade do solo, com foco em culturas adubadoras, os primeiros trabalhos realizados foram de capina da área e estruturação dos canteiros em forma de mandala (circular), com o objetivo de aproximar o cultivo com o desenho de uma floresta, quebrando a lógica linear. Em todos os canteiros foi incorporada matéria orgânica.

Com o fim das chuvas, em pleno cerrado, surge a urgência de colocar as sementes na terra, resultando no primeiro mutirão da Chácara. Dezesesseis ilhas de fertilidade foram plantadas em um dia de trabalho, com o seguinte consórcio: mandioca, abóbora, crotalária *Juncea* e *Ocroleuca*, gergelim, feijão guandu e feijão azuki. Estas culturas variam em seu tempo de colheita de 2 meses a 1 ano, quando sairão todas do sistema garantindo um solo adequado para a implementação da segunda fase.

Após dois meses de plantio surgiram novos aprendizados. Percebemos diferenças entre as germinações das mandalas, por conta de diferentes exposições ao sol e do relevo. Observamos a chegada de diversos insetos na chácara, como a mosca da mandioca, que nos ensinou a importância de um cuidado diário com aquele lugar. Notamos também que a crotalária protegeu a abóbora do ataque do oídio.

A segunda etapa desta mandala, ainda não implementada, visa estabelecer um sistema agroflorestal altamente diverso garantindo uma maior resiliência do ecossistema e dos agricultores.



Resultados

As noções de rural e urbano passam por significativas transformações no atual campo de entendimento das dinâmicas geopolíticas da sociedade e, além disso, o espaço social é configurado de maneiras complexas e distintas em cada lugar, sendo então pouco definíveis as fronteiras existentes entre essas zonas. É nesse sentido que entendemos que, por mais que seja próxima do perímetro urbano, a Chácara João de Barros acolhe um processo de êxodo por parte dos participantes no trabalho. Trabalhamos na roça, mas transitamos nas pistas metropolitanas diariamente. E tudo isso dá um caráter fronteiriço ao nosso processo de identificação, no olhar sobre o urbano e na relação com a Natureza.

Há um movimento geracional de redirecionamento ao campo, por pessoas que percebem já falidos os modos de vida no predatório mundo do capital, pois vão contra a fraternidade, a união, o coletivo, o sentimento de comunidade e os valores de partilha que são próprios do movimento que a agroecologia segue a girar. Assim, nossas práticas e funções sociais se transformam conforme adentramos o contexto agrícola ainda na juventude.

Percebe-se também que as relações com o tempo tornam-se distintas daquelas pensadas pelo modelo agrícola hegemônico. O melhoramento do solo de forma equilibrada, para realmente nutrir a planta e gerar frutos saudáveis e de altos valores biológicos demanda paciência e outra relação com os ciclos da vida. Muitas vezes, esse tempo é maior do que o exigido pelo Mercado, e isso pode ser visto como um fator contra a proposta agroecológica, o que implica uma necessidade de resistência.

Por fim, relatamos aqui a vivência diária de aprender em um mundo novo de trabalho, com a abundância da Natureza. Com os cuidados de nossas experiências, em seis meses de chuva, as plantas espontâneas fizeram a área desértica parecer uma semi-floresta, protegendo a casa, servindo como barreira de vento, melhorando o solo desgastado, além de outras funções ecológicas. Observar a chácara se tornou uma atividade prazerosa. Vimos o sonho se tornar realidade, num processo de organização, diálogo e sistematização que revelou os desafios de comercializar, lidar com o aspecto financeiro solidário e acolher a aprendizagem a partir dos erros.

Referências bibliográficas

CENTRO DE ESTUDOS BUDISTAS BODISATVA. **Gestão por mandalas: Lama Padma Samten**. Ensinamentos, Florianópolis - SC, 1 jun. 2013. Disponível em: <http://www.cebb.org.br/gestao-por-mandalas/>. Acesso em: 5 mar. 2019.

MICCOLIS, Andrew *et al.* **Restauração Ecológica com Sistemas Agroflorestais**. Brasília DF: Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal, 2016.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro ; FILHO, Luiz Carlos Pinheiro Machado. **Dialética da Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte nos
Sistemas Agroalimentares



PRIMAVESI, Ana; PRIMAVESI, Artur. **A biocenose do solo na produção vegetal & Deficiências minerais em culturas: nutrição e produção vegetal.** São Paulo: Expressão Popular, 2018.